



A QUEDA DE UM PSEUDO IMPÉRIO COLONIAL

| Tema: [Ensaio](#) | Autor: [Valdemar F. Ribeiro](#) |

Em 1974 deu-se o fim da Era colonial portuguesa e, em Angola, o governo civil e militar português tentava empiricamente e às pressas, pois queria abandonar o território de qualquer maneira, fazer acordos com os três Movimentos Nacionalistas, FNLA, UNITA e MPLA forçando acordos que não podiam dar certo pois o descontrole era visível e global e ninguém mais sabia quem comandava o quê e diante daquela situação os Movimentos Nacionalistas buscavam posições que lhes permitissem alcançar posições político/militares mais favoráveis.

E a desordem começou a ser geral, envolvendo a todos independentemente de seu pensar e do agir, de suas cores partidárias, de serem ou não a favor ou contra a guerra colonial, de serem ou não angolanos ou portugueses, etc. ou seja, viver em Angola naquele momento era um enorme risco para todos, sem exceção, e o salve-se quem puder generalizou-se.

Todas as pessoas que formavam os Movimentos Nacionalistas e as outras pessoas apoiantes ou não dos Movimentos foram envolvidas por todo este processo descontrolado pois o Governo e os militares portugueses deixaram de assumir suas responsabilidades numa atitude que demonstrava que o problema não era deles, responsáveis do Governo Português em Angola.

O Governo e os militares portugueses, em seu entender, cumpriam apenas “Comissões ou missões” em Angola e a desordem política não era de sua responsabilidade, supunham.

Os civis do Governo português em Angola antes de 1975 ~que cumpriam as suas comissões no ultramar, pouco ou nenhum risco corriam e eram bastante favorecidos pelo sistema colonial.

Os militares portugueses de altas patentes também eram favorecidos mas os militares de menor patente é que iam para as áreas de contenda, correndo riscos de vida e a situação destes militares era menos agradável com certeza e financeiramente pouco se beneficiaram.

De uma maneira muito geral, muitos dos civis que vieram de Portugal para colonizarem os territórios, vinham com um espírito de fixação e naturalmente tentavam integrar-se ao “modus vivendi” conjuntural e estrutural.

Uma parte destes civis portugueses que vieram para Angola, adotavam o espírito angolano e queriam integrar-se nesta nova sociedade, junto com os autóctones e até absorvendo valores da cultura africana/angolana.

Uma outra parte queria ficar em Angola achando que iriam sempre comandar.

Uma terceira parte dos portugueses achavam que vinham trabalhar alguns anos, amealhar dinheiros e voltavam para a sua terra natal.

Haviam os que se auto denominavam “brancos de primeira”, governantes e donos de fortunas e de situações mais favorecidas e que viviam em Portugal Continental e de lá ordenavam e no máximo iam às colónias cumprir alguma comissão de serviço.

A riqueza financeira que o Governo Colonial arrecadava, vinha do esforço dos trabalhadores portugueses e autóctones e empresários que produziam novas riquezas nas Províncias Ultramarinas, ganhos esses produzidos por empresas muitas delas utilizando as melhores tecnologias e muitos desses empresários tinham, já na época, uma visão mais ampla e moderna da economia global.

Na realidade, o chamado Império Colonial português era apenas comandado por alguns poucos privilegiados do sistema e desta patota não faziam parte a grande maioria daqueles portugueses que viviam em Portugal ou iam para as colónias trabalhar e cumprir ordens.

Naquela altura, a vida na Europa era muito difícil pois tinha havido a primeira guerra mundial e a segunda guerra mundial também ainda estava a fumar, tempos estes extremamente violentos entre os europeus e a perspectiva de muitos portugueses poderem sair da Europa e irem para um lugar mais calmo era muito aliciadora e era uma solução para a vida miserável e sem futuro que tinham em Portugal continental.

Foi assim que milhões de portugueses e de outras nacionalidades europeias e de outros continentes foram para a América do Norte, Canadá, Brasil, Austrália, Angola, Moçambique, etc. e a grande maioria deles não retornaram a Portugal ou aos seus países de origem.

Na década de 1950/1970 a conjuntura sócio/política nas Províncias Ultramarinas portuguesas beneficiava bastante quem era branco mas os autóctones nacionalistas e os novos angolanos com suas lutas implícitas e explícitas pela liberdade social e política iam aos poucos conquistando espaço real.

Os Nacionalistas, com sua luta pela dignidade e liberdade, serviram de exemplo àqueles que vieram de Portugal Continental e se radicaram em Angola e àqueles que após o término de suas missões de trabalho voltavam para o Continente, incluindo os militares de média e baixa patente.

Muitas das pessoas radicadas em Angola ou regressados à Metrópole antes de 1974 desenvolveram suas consciências sobre a realidade colonial e foi dessa consciência que nasceram as mudanças de 1974, a chamada “Revolução dos Capitães de Abril ou Revolução dos Cravos”.

Essa Revolução de Abril nasceu, em grande parte, das sementes plantadas pelos nacionalistas Angolanos e dos outros territórios.

No entanto, a confusão gerada durante e após a Revolução e no início da independência dos PALOP foi causada principalmente por aqueles que não queriam perder os benefícios do chamado Império Colonial pois ganhavam bastante com essa situação, sem muito esforço intelectual ou físico, pois viviam em seus palácios e em seus casulos.

Os que beneficiavam mais do Império foram os mais interessados na desordem sócio/política instalada após 1974 pois algumas dessas pessoas achavam que ainda era possível o retorno ao Império, mas com essa desordem conseguiram causar muitos estragos a todos, principalmente àqueles que desejavam um novo país Angola, integrado, desenvolvido e livre.

Claro que os resultados não agradaram a ninguém, nem aos que tiveram de abandonar seus pertences e ir embora para a Metrópole ou outros países, nem aos nacionalistas que tiveram de administrar um novo país bastante desorganizado e despreparado administrativamente e sem as estruturas Institucionais e físicas necessárias.

Houve também países do Leste e do Ocidente que se aproveitaram da desordem e confusão deixada pelo Governo Português.

É evidente que a grande confusão nas colónias portuguesas foi gerada pela falta de organização dos governantes portugueses que comandavam civil e militarmente os territórios coloniais e esses responsáveis deveriam ter respondido em tribunal internacional por seus desmandos.

A sorte dos responsáveis portugueses que ajudaram na desordem e violência gerada no ex-império colonial é que a conjuntura política mundial naquela altura e até há alguns anos atrás não se preocupava com essa responsabilização nem tinham Instituições vocacionadas para julgar desmandos políticos e militares.

Na África do Sul, após sua independência, foi constituído um tribunal civil aonde os responsáveis pelo Apartheid tiveram de responder e foram condenados moralmente.

Hoje é necessário caminhar para a frente pois os ventos são outros e por vezes muito tempestuosos mas não se pode perder tempo nem ficar ancorado a um passado pouco interessante ou amarrados a complexos de inferioridade ou superioridade e traumas psicológicos.

É preciso compreender o passado bom e o menos bom, aprender as lições e não repetir os mesmos erros no presente para que o futuro seja mais radioso neste mundo globalizado de hoje também muito confuso.

Em 1974 e 1975, durante a confusão que foi a descolonização e antes da proclamação da independência de Angola, os governantes portugueses militares e civis de alta patente que viviam nos ainda territórios coloniais souberam escolher os melhores lugares nos aviões e nos navios para safarem-se da confusão gerada por eles e por outros governantes que viviam em Portugal e levarem seus pertences e suas riquezas materiais ou bens de outros que as deixavam para trás abandonadas pois não tinham como as levar.

Os governantes portugueses não deixaram de comandar os melhores lugares nos aviões e nos barcos para si, suas famílias e amigos para desespero de outras famílias com menor patente ou menos poder económico e menor culpa na desordem pois eram apenas simples trabalhadores ou trabalhadores de responsabilidade média.

Diante de uma situação aonde claramente se percebia uma confusão total, aonde ninguém comandava e os próprios militares fugiam do caos gerado pelos governantes civis e militares, qual o caminho a decidir?

Os sul-africanos diante da experiência portuguesa das ex-colónias aprenderam e agiram diferente e conseguiram não destruir as Instituições governamentais nem as Instituições económicas nem as jurídicas e conseguiram manter um novo país em funcionamento e estável apesar de tudo.

Mas e aqui em Angola? Como fazer diante do caos?

Arriscar? E a família aonde ficava? E quem não gosta de confusão? E quem apenas quer trabalhar e desenvolver?

Aqueles que não queriam confusão e acharam que lá fora encontravam um caminhar mais tranquilo foram embora para outros países, muitos deles para começarem uma vida nova pois não tinham dinheiro, o que não é fácil certamente mais ainda quando a mudança não é uma opção pessoal cultural e tem família para sustentar.

Haviam aqueles que queriam sair mas não podiam por diversas razões, uma delas era começar uma vida totalmente nova em outro espaço desconhecido sem dinheiro e se ficassem em Angola pelo menos conheciam algumas das linhas e das agulhas com que se ia costurar e remendar o novo país destruído pela guerra colonial.

Haviam os nacionalistas, que ficaram para ajudar a resolver o caos empiricamente foram encontrando soluções.

Das pessoas que foram embora pouco se sabe de sua história a não ser a história contada por cada uma das famílias em seu mundo particular, umas histórias com mais sucesso e outras com menos mas todas elas doloridas certamente e longe do novo país Angola que muitos gostariam de terem continuado a viver e a trabalhar em prol de um desenvolvimento sustentado.

E assim começou a construção de um novo país chamado Angola e sonhado de outra maneira.

Estes novos países, devagar vão-se levantando e construindo sua dignidade e redescobrimo suas raízes profundas e superficiais e com a sagrada esperança de acreditar num novo presente mais pacífico e num futuro melhor.

Angola e os outros países africanos foram os que mais perderam com o implodir da máquina administrativa e técnica colonial.

QUEM MAIS BENEFICIOU COM O CAOS COLONIAL?

As pessoas de altas patentes, civis e militares, responsáveis diretos do sistema colonial e sua máquina administrativa ganharam muito financeiramente mas a médio e longo prazo talvez não tenham motivos para se orgulharem de seu passado e do que fizeram nestes países dos PALOP.

A harmonia de uma sociedade beneficia a todos e a desarmonia pode aparentemente beneficiar alguns mas na realidade não beneficia ninguém podendo afirmar-se que muitos poucos ganharam na altura com a confusão a não ser os países interessados na desestabilização da região.

Mas outros países que não foram responsáveis diretos deste caos, acabaram ganhando com toda esta confusão a médio e longo prazo.

O Brasil quando soube que muitos angolanos e portugueses estavam a abandonar Angola, empresários, técnicos, engenheiros, médicos, especialistas em diversas áreas, administradores, estudantes, etc., imediatamente abriu suas fronteiras para que esses profissionais fossem trabalhar ali e autorizou sua legalização imediata dando-lhes dignidade e os documentos necessários.

Portugal foi obrigado a fazer o mesmo mas denominou as pessoas que regressavam à sua Pátria de origem como “retornados”, sendo esta uma denominação preconceituosa e depreciativa.

Muitas pessoas ignorantes que não saíram de Portugal e ali viviam com muitas dificuldades. Pensaram, de forma medíocre, que os que voltavam das ex-colónias iriam ocupar seus pobres lugares mas esqueceram-se que muitas destas pessoas que voltavam além de serem técnicos e mão-de-obra especializada também tinham capacidade para construir novas empresas e conseqüentemente criarem novos e muitos empregos e ajudaram Portugal a deixar de ser um país atrasado para se tornar uma Nação mais moderna e com um bem-estar maior.

Muitos outros países no mundo inteiro abriram suas portas àqueles que buscavam novas paragens para viverem e trabalharem.

Quem fez a potência econômica e tecnológica que é os Estados Unidos da América?

Foram os emigrantes idos da Inglaterra, da Itália, da Alemanha, da Espanha e de tantos outros países com sua mão-de-obra especializada e que sabiam produzir riquezas.

Por quê os Estados Unidos, ainda hoje, procura atrair permanentemente toda a mão-de-obra especializada e de qualidade de outros países, não importa de onde venham, facilitando toda a documentação para a sua residência local e pagando excelentes salários?

Eles têm pleno conhecimento que quem faz um país é seu povo e quanto mais desenvolvido for esse povo, não importa de onde vem, mais desenvolvido é o país.

E quando esse povo que vem de fora se integra à comunidade e é respeitado por ela, eles adotam esse país de acolhimento como sua verdadeira Pátria.

Falando do caso específico de Portugal e Brasil.

Estes países enriqueceram com a mão-de-obra ida das ex-colônias pois muitos destes novos empresários, especialistas e técnicos, administradores, etc., já utilizavam tecnologias e técnicas modernas nas empresas recentemente construídas nas colônias e usavam as melhores tecnologias no fabrico de seus produtos para enfrentar a concorrência internacional que já era global naquela altura.

Muitos dos empresários estabelecidos em Portugal, e que de lá nunca saíram, na maioria deles não se preocupavam em modernizar suas empresas pois a vida lhes corria fácil, exportavam os produtos que produziam para as colônias pois estas ainda não produziam muito e o governo português dava-lhes as melhores oportunidades para venderem nas colônias seus produtos.

Para modernizar uma empresa e usar novas tecnologias é preciso que os empresários aprendam essas novas tecnologias e as novas técnicas de administração e isso exige um grande esforço mental e não são muitas as pessoas estabelecidas como empresários ou responsáveis de instituições privadas ou estatais que querem incomodar-se ou estão disponíveis para um maior esforço mental pois “pensar exige esforço” e porque vendiam seus produtos facilmente nas colônias.

O império Soviético implodiu porque muitas de suas empresas estatais eram obsoletas e os administradores públicos optavam por uma administração medíocre pois não queriam ser incomodados ou não conseguiam aprender e criavam todos os tipos de obstáculos àquelas pessoas que queriam modernizar o país ou serem mais criativos.

Nos países mais burocráticos, os administradores públicos e por vezes até os privados quando já estão instalados nos poleiros do poder evitam aquelas pessoas que querem ser mais criativas e mais inteligentes pois isso certamente pode atrapalhar seus status quo e eles podem cair de seus poleiros.

Por outro lado, para modernizar uma empresa é preciso fazer novos investimentos financeiros e em equipamentos e formar mão-de-obra especializada e muitos desses empresários em Portugal antes de 1974 seguiam o exemplo do mestre maior Salazar que tinha os cofres portugueses no banco abarrotados de ouro e em vez de transformar esse ouro em novos investimentos e modernizar o país, ignorou essa prioridade preferindo manter o país nas brumas da ignorância e sem criatividade, muitas vezes.

Não eram muitos os empresários que saíam deste marasmo português.

Quando acabaram os mercados cativos coloniais, as empresas portuguesas atravessaram sérias dificuldades pois muitas delas não estavam aptas a enfrentar um mercado concorrencial mais moderno e acirrado na Europa e no mundo.

Após 1974/1975 a mão-de-obra especializada e modernizada que saiu das ex-colônias e foram para Portuga, Brasil e tantos outros países estavam disponíveis nesses países para trabalhar e desenvolver seus conhecimentos e especializações e ajudaram muito essas nações a darem um salto tecnológico e social para o futuro.

Já os países de onde eles saíram deram um salto ao contrário.

